



“Torcidas organizadas: das construções de hierarquias ao estilo de torcer no futebol campista”

Letícia Del Rio Pedrozo Bragaia Degenari, Gabriela Bento Vidal, Rodrigo de Araujo Monteiro

Nesta pesquisa procuramos compreender conflitos e tensões de gênero entre membros de uma torcida organizada do Goytacaz Futebol Clube. Os resultados da pesquisa ajudam a lançar luz a partir de duas perspectivas: a própria relação de torcedoras e torcedores com jovens pesquisadoras e a que se debate o papel atribuído às mulheres nas torcidas organizadas. Entendemos o futebol como ‘espaço masculino reservado’ (Elias & Dunning, 1991) desde seus mais clássicos e consagrados autores da sociologia. Como metodologia, foi realizada pesquisa qualitativa com observação participante, entrevistas informais e formais, e inserções em grupos de torcedores organizados nas redes sociais, o que incluiu idas às partidas de futebol durante o campeonato estadual de 2016 e 2017, acompanhando o Goytacaz no Campeonato Carioca e na preparação que os torcedores organizados realizam para as partidas, suas reuniões, deliberações e ainda na observação de critérios que ajudem a entender como se dá a construção de hierarquias e distribuição de funções dentro da torcida organizada. Os estilos de torcer são produzidos e reproduzidos a partir de normas em disputa, mas com hierarquias produzidas e, ao mesmo tempo, com dinâmicas de rivalidades e conflitos, incluindo discussões em torno da defesa e não defesa do “clubismo” (Sander, 2016), mas buscando reconhecimento com o que chamamos de “cidadania esportiva” enquanto um espaço de lazer a ser disputado como legítimo para ambos os gêneros. Apesar de mudanças significativas nas relações de gênero na sociedade e, em particular, no futebol como a presença de árbitras e auxiliares, jornalistas e comentaristas, a pesquisa demonstra que o papel reservado à mulher no futebol ainda é subalterno. Analisaremos um subgrupo específico dentro de uma determinada torcida organizada, onde, embora tal subgrupo crie sororidade, também pode ser visto como um “confinamento”, ou seja: com as torcedoras em isolamento, mas organizadas e em produção de sororidade. A presença de um subgrupo feminino perpassa questões que não configuram um amplo reconhecimento masculino sobre o feminino na torcida, o que se reflete nas distribuições das funções desta torcida organizada, sendo necessárias manobras para lidar com esse estigma tanto por torcedoras e pesquisadoras.

Palavras-chave: Torcidas Organizadas, Clubismo, Gênero.

Instituição de fomento: FAPERJ, UFF.